na Nunciatura na Polónia. Vem depois o tempo em que, de novo em Roma, se dedicou particularmente ao apostolado entre os universitários. Vemo-lo, em seguida, chamado ao cargo de Substituto da Secretaria de Estado da Santa Sé, tornando-se colaborador próximo de Pio XII. Após a morte deste, é ordenado bispo e assume o lugar de Arcebispo de Milão. Um longo capítulo mostra a grandeza da sua acção pastoral nesta importante diocese da Lombardia. Já então era apontado como possível sucessor de João XXIII, como de facto veio a acontecer. Sobre o seu pontificado, Manuel Robles regista episódios particularmente relevantes. Só a título de exemplo: acompanhamento das sessões do Concílio em curso, visita ao cárcere de Regina Coeli, viagem à Terra Santa, atentado em Manila, escrita da encíclica *Ecclesiam Suam* totalmente por suas mãos, amizade com Aldo Moro, publicação do novo *Ordo Missae*, encíclica *Humanae vitae* e exortação pós-sinodal *Evangelii nuntiandi*, sofrimentos causados por Mons. Lefèbvre, etc. O último capítulo apresenta episódios e aspectos relacionados com a morte deste grande papa.

Uma biografia de estilo leve e leitura agradável, como é próprio da pena de um jornalista, que dá uma imagem bastante completa da personalidade e da obra de Paulo VI.

Luís Salgado

OUTROS

Rodríguez, José Vicente (org.), **Miguel de Unamuno, profeta y apóstol. Antología de sus textos**, col. «Monumenta», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2014, 542 p., 240 x 165, encadernado com sobrecapa, ISBN 978-84-285-4565-5.

Com uma apresentação gráfica e editorial de excelente qualidade, esta antologia de textos de D. Miguel de Unamuno oferece ao leitor enorme quantidade de testemunhos do grande escritor e pensador espanhol, pertencente à conhecida «geração de 98», sobre a sua religiosidade de fundo cristão e a sua inquietação e preocupação pelo que, em relação à religião em geral e ao cristianismo em particular, se passava na Espanha do seu tempo. A sua postura no campo religioso lembra a de homens do lado de cá da fronteira, como Teixeira de Pascoaes, de quem era amigo pessoal e em cuja Casa de Gatão chegou a estar hospedado. Mas lembra também o nosso Raul Brandão, homem profundamente religioso e grandemente inquieto com a indiferença de tantos face ao problema da existência ou não existência de Deus, uma inquietação e um problema que ele viveu com grande intensidade dramática nesse tempo em que Deus andava submetido ao grande julgamento dos «mestres da suspeita», especialmente desde a proclamação da sua morte por Nietzsche.

Miguel de Unamuno foi acusado de tudo: ateu, herege, herege máximo, agnóstico, modernista, racionalista, descatolicizador da juventude, etc., Mas o que ele foi, acima de tudo e constantemente, foi um homem profundamente religioso. Assim a si mesmo se considerava – e também cristão, apesar de não católico –, coisa esta que não admira, pois ao tempo da sua vida o catolicismo, além de estar sob a mira do ataque de muitos intelectuais, oferecia efectivamente razões e motivos bastantes para um certo distanciamento dele por parte de mentes mais exigentes de honestidade e de verdade.

O subtítulo da antologia dá-o como «profeta e apóstolo». E, de facto, como testemunha o organizador da mesma antologia, ele foi sempre um «homem profético e denunciador de tantas misérias e cantor de tantos valores humanos, e agitador das consciências e despertador de quantos dormem espiritualmente» (Presentación al lector, p. 15), «grande ideador e proclamador da *décima quinta obra de misericórdia*: despertar aquele que dorme» (ibid.), a si mesmo se considerando – em obediência à exortação evangélica «Ide e pregai o Evangelho» – um «pregador leigo».

No conjunto de textos seleccionados, pode o leitor encontrar variados aspectos e facetas da personalidade de Unamuno e do seu pensamento e sua atitude religiosos: a sua humanidade, afectividade e solicitude no interior da própria família; a ultra-sensibilidade do seu coração, que Rodríguez chama de «coração líquido»; a sua imensa necessidade de Deus, não obstante as suas crises, que dele faziam, como aconteceu com Pascoaes e Brandão, um Deus dramático; o seu gosto pela oração e a sua prática da mesma; o seu vasto conhecimento da Sagrada Escritura; as suas denúncias de certas práticas no ensino da religião e no campo devocional; a variedade e enorme riqueza das suas cartas, dele que tinha um certo pendor para a correspondência, sempre com sentimentos de proximidade, bondade, compaixão e humanidade.

No Prólogo, escrito por Juan Martín Velasco, acentua-se particularmente o carácter dramático da vivência e do pensamento religioso de D. Miguel de Unamuno, não fosse dele o livro *La agonía del cristianismo*, um título em que a palavra «agonia» é assumida em seu original significado grego, de luta, combate, drama. Na verdade, muito mais dignos de admiração e muito mais edificantes são homens como este, que – ao contrário de tantos cristãos rotineiros, ou simplesmente indiferentes a toda a preocupação religiosa, vivem de facto adormecidos, com o natural sentimento religioso mais ou menos narcotizado – fazem da vida uma procura dramática de um Deus sempre mais ou menos desconhecido, porque sempre da ordem do Mistério que, como diria Rudolf Otto, sempre se nos apresenta, a um tempo, como «*fascinans et tremendum*».

Jorge Coutinho

Vieitas, Daniela (texto) e Ramos, Margarida (ilustração), **O lugar**, Edições Frente e Verso (www.frenteeverso.pt) , Braga, 2014, 52 p., 350, 240, ISBN 978-989-98322-3-7.

Trata-se de um álbum de pintura moderna de Margarida Ramos, com um tema em cada página ou abrangendo duas páginas e um pequeno texto a sugerir o sentido de cada pintura. O conjunto apresenta uma espécie de alegoria dos sete dias da Criação, que, no caso, é, de facto, uma re-criação, com um sentido de fundo claramente ecológico (de ecologia material e espiritual) expresso em termos poéticos.

O «lugar» é o ali onde homem e mulher aparecem e deparam com o Nada. Nesse deserto total, surgem então, sucessivamente, um fio de água, a transformação da terra seca em terra fértil pelo trabalho, a simpatia entre o casal e a natureza, a casa onde irão habitar, o fogo , as flores, as árvores, a fruta, os animais, o alimento, o amor entre o homem e a mulher, etc. Com tudo isso, eles compreenderam o sentido do mundo e da vida. O último texto da narrativa diz textualmente: «Veio a manhã do sétimo dia / e o céu e o sol